

# Contribuições da Linguística Sistêmico-Funcional para o Entendimento da Marginalização Feminina no Gênero Série

## Contributions of Systemic-Functional Linguistics to the Understanding Female Marginalization in the Genre Series

Arlete Ribeiro Nepomuceno\*  
Maria Clara Gonçalves Ramos\*\*  
Vera Lúcia Viana de Paes\*\*\*

### RESUMO

As pessoas significam o mundo e agem sobre ele por artefatos sociossemióticos, (re)semiotizando crenças, valores etc., com marcas avaliativas. Nesse contexto, buscamos responder como a aplicação de uma análise sociossemiótica pode contribuir para a desnaturalização da violência contra a mulher no gênero série. Como objetivo geral, analisamos semioticamente multimodos linguísticos, avaliando como a marginalização feminina se manifesta. Justifica-se pela necessidade de desnaturalizar estereótipos machistas que segregam a identidade da mulher. Metodologicamente, selecionamos três *frames* da série “Bom dia, Verônica”, da primeira temporada,

Recebido em 22 de janeiro de 2024

Aceito em 7 de maio de 2024

DOI: <https://doi.org/10.18364/rc.2024n67.1411>

\* Universidade Federal de Minas Gerais, [arletenepo@gmail.com](mailto:arletenepo@gmail.com)

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6063-1603>

\*\* Universidade Federal de Santa Maria, [mariaclararamos43@gmail.com](mailto:mariaclararamos43@gmail.com)

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8204-5987>

\*\*\* Universidade Federal de Minas Gerais, [verapaes2@gmail.com](mailto:verapaes2@gmail.com)

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7501-3514>

na *Netflix*, que retratam cenas de violência doméstica, filiando à Semiótica Social, com ênfase na Gramática Sistêmico-Funcional, destacando o nível (extra)linguístico *hallidayiano*, estruturado pelos contextos de cultura e situação, bem como o modo pelo qual o sistema semiótico verbal representa as pessoas no mundo e as relações desempenhadas por elas. Como conclusão, o sistema semiótico verbal denuncia à **invisibilidade feminina**, por estratégias léxico-gramaticais, marcadas por ideologias, cultura, construção identitária.

**PALAVRAS-CHAVE:** Linguística Sistêmico-Funcional; Violência doméstica; Gênero série.

#### ABSTRACT

People signify the world and act in it through socio-semiotic artifacts by (re) semiotizing beliefs, values, etc. with evaluative signs. In this context, we would like to answer the question of how the application of a socio-semiotic analysis can contribute to the denaturalization of violence against women in the series. As a general aim, we semiotically analyze the multilingual modes and assess how female marginalization manifests itself. This is justified by the need to denaturalize sexist stereotypes that marginalize women's identity. Methodologically, we have selected three excerpts from the series "Bom dia, Verônica" from the first season on Netflix, which show scenes of domestic violence related to social semiotics. Here, we focus on systemic-functional grammar, emphasizing the (extra)linguistic level structured by the cultural and situational context, as well as the way the verbal semiotic system represents people in the world and the relationships they have. To summarize, the verbal semiotic system denounces the invisibility of women through lexicogrammatical strategies that are shaped by ideologies, culture and identity construction.

**KEYWORDS:** Systemic-functional linguistics; Domestic violence; Genre series.

## Introdução

Sendo o texto uma unidade semântica multidimensional, os indivíduos, valendo-se de multimodos, constroem diferentes formas de comunicação. Na perspectiva dos estudos *hallidayianos*, são importantes os significados nos textos em diferentes contextos, na união entre língua, cultura e sociedade pela léxico-gramática, em que, na análise do todo social, uma das maneiras

é observar e investigar como textos se configuram na e pela língua (gem), reconhecendo valores e crenças, entre outros. Nesse contexto, podemos entender a verbo-visualidade como um multimodo linguístico de que os usuários da língua podem se valer para externar experiências e significar a sociedade da qual fazem parte, percebendo, por exemplo, ideologias e relações de poder materializadas em gêneros.

No estudo empreendido, como objetivo geral, propomos analisar crítica e semioticamente multimodos linguísticos no gênero série, avaliando a maneira como denunciam a violência contra a mulher. Como objetivos específicos, procuramos analisar: o nível (extra)linguístico (contexto de cultura e situação), a partir das variáveis campo, relação e modo; as formas de representação do mundo pela metafunção ideacional, bem como os vínculos relacionais estabelecidos entre os participantes da série pela metafunção interpessoal (Halliday; Matthiessen, 2014[2004]).

Para tanto, buscamos responder de que forma a aplicação de uma análise sociossemiótica pode contribuir para a desnaturalização de mazelas sociais, na (re)construção de uma sociedade mais justa pelo gênero série? Por meio desse questionamento, enfatizamos a influência das mídias digitais (plataforma de *streaming* Netflix), que conta com um número significativo de assinantes consumidores de produções audiovisuais de diferentes segmentos.

De cunho qualitativo, este artigo fundamenta-se na discussão sobre a hibridização linguística, sobretudo do gênero série, pelas contribuições da Gramática Sistêmico-Funcional (Halliday; Matthiessen, 2014[2004]), sendo a língua pensada no social, focando em algumas ferramentas analíticas das metafunções ideacional e interpessoal.

A seleção da série, veiculada no suporte *streaming Netflix*, justifica-se pela dinamicidade da união de elementos sógnicos, ampliando possibilidades de multissignificações na verbo-visualidade, o que oportuniza mais interação entre o que está representado na série e quem assiste a ela. As plataformas digitais facilitam a visibilidade e divulgação de problemas sociais, constituindo como um suporte importante de mudança social, na busca por desnaturalizar

situações aparentemente esquecidas e normalizadas pela coletividade à custa de aspectos culturais arraigados no senso comum.

Além da introdução, este trabalho divide-se em três seções. Inicialmente, discutimos a hibridização linguística presente no gênero série e expomos o caminho teórico que embasa este artigo, destacando os contextos e as metafunções (ideacional e interpessoal) na esfera sociossemiótica da Gramática Sistêmico-Funcional, doravante GSF. Em seguida, apresentamos o *corpus* junto aos procedimentos teórico-metodológicos. Em terceiro lugar, discutimo-lo, em diálogo com a teoria escolhida. Por fim, apresentamos a conclusão a que chegamos.

## 1. A hibridização linguística no gênero série

A modernização das práxis humanas intensifica a necessidade de novos agenciamentos entre gêneros e sociedade, com roupagens mais dinâmicas e multimodais, possibilitando às pessoas uma maior interação com a sociedade. Por conseguinte, é uma forma de ação consciente e transformadora, capaz de mudar as estruturas sociais e alcançar objetivos coletivos. Isso posto, a hibridização linguística, numa visão sociossemiótica, vai de encontro às concepções estruturalistas de Saussure (2006), pois passa a dialogar com a vertente funcional da linguagem.

Os gêneros discursivos, na realidade pós-moderna<sup>1</sup>, são, para Bakhtin (2006), manifestações de sentidos que podem advir de contextos comunicacionais, cujos propósitos discursivos são mobilizados pelas escolhas e combinações linguísticas realizadas pelo homem. Nas mídias, a prevalência de semioses verbais não mais atende aos interesses e às formas de construção

---

1 A noção de sociedade pós-moderna emergiu nas últimas décadas do século XX como uma tentativa de descrever e analisar as mudanças sociais, culturais e econômicas que ocorreram após a chamada era moderna, envolvendo transformações nas estruturas sociais, nos valores, nas formas de organização, de comunicação, de tecnologia e de experiência humana.

de sentidos atribuídos pela sociedade, exigindo a reformulação de gêneros monomodais. Sobre isso, defende Bajtín (1982):

A riqueza e diversidade dos gêneros discursivos são imensas, porque as possibilidades da atividade humana são inesgotáveis e porque em cada esfera da práxis existe todo um repertório de gêneros discursivos que se diferenciam e crescem à medida que se desenvolve e se complexifica a própria esfera (BAJTÍN, 1982, p. 248).

Essa plasticidade possibilitou que, segundo Resende (2021), em meados de 1950, a televisão brasileira, influenciada pela mídia americana, lançasse mão de produções audiovisuais *sitcoms*, com enredos de comédia que narravam o cotidiano de grupos de amigos, estudantes, família etc. Mais tarde, em 1979, emissoras televisivas, como a Globo, detentora, na ocasião, de audiências expressivas, buscou abraçar o formato estadunidense com narrativas que se aproximavam da realidade brasileira, do dia a dia da massa popular nacional, para comercializar novos gêneros e lucrar com eles.

Apropriando-se de moldes internacionais, plataformas *streaming*, como a *Netflix*, cientes de multissemsioses na comunicação da sociedade pós-moderna, mercantilizam histórias aparentemente ficcionais, mas com interesse em retratar o extralinguístico da sociedade, abarcando cultura, história e ideologia, para prender a atenção dos telespectadores que assinam contrato com esse tipo de serviço.

Nesse cenário, a título de exemplo, a série nacional “Bom dia, Verônica” (2020) endossa uma crítica social fulcral à violência contra a mulher, entre outras mazelas que circundam a produção, o que demonstra uma estratégia de mercado dos diretores, pois é uma patologia coletiva pela qual consumidores futuros (telespectadores) poderiam se interessar e com a qual eles poderiam interagir.

Para Rocha, Silva e Albuquerque (2013), desde 1979, com a promulgação de leis que tipifica(va)m quaisquer violências que ceifa(va)m a liberdade feminina, na esfera civil e penal, como feminicídio e possibilidade de divórcio, as séries brasileiras passaram a se interessar por dramatizar

temas que se articulavam com essas questões, na busca por desnaturalizar a subserviência da mulher. Nessa esfera, pontuam:

[...] Séries Brasileiras permitem que temas como universo feminino, corrupção policial, vida na favela e nos presídios ou novos arranjos familiares não sejam vistos como questões unidimensionais, mas como temas complexos que podem ser compreendidos por diferentes dimensões e aspectos (ROCHA; SILVA; ALBUQUERQUE, 2013, p. 84).

As pessoas, movidas pela revolta contra essas marginalizações, envolvem-se psicologicamente com os temas sobreditos, tornando-se descobridores e agentes centrais de engajamento na luta pela não solidificação de mazelas sociais, pois acionam paralelos entre a narrativa e a realidade concreta. Porém, para essa percepção, é indispensável que os telespectadores percebam interesses discursivos e estabeleçam sentido às semioses da série, para que possam se engajar em lutas sociais pela (re) configuração da linguagem.

A hibridização em gêneros discursivos, portanto, é uma forma de representação e interação na qual o homem se respalda para conseguir significar o mundo e as experiências vividas por ele, diante de mazelas sociais percebidas e propagadas pelas lentes linguístico-discursivas. Isso posto, Vieira e Silvestre (2015) advogam a favor da lógica *bakhtiniana* de que os gêneros evoluem e são reconfigurados, à medida que a coletividade transmuta, destacando:

[...] o sujeito atual, um sujeito dividido e multifacetado, necessita de teorias da linguagem que o ensinem a lidar com as diferentes formas do discurso contemporâneo, para que, então, o sujeito dessa sociedade visual esteja habilitado ao pleno exercício discursivo-crítico que os diferentes domínios da vida pública e privada exigem de todos nós, os legítimos agentes de transformações sociais (VIEIRA; SILVESTRE, 2015, p. 40).

O gênero série, como outros gêneros discursivos, pode ser utilizado como atividade discursiva de controle social, a partir do qual relações de

poder podem ser materializadas, justamente porque toda interação se dá por algum gênero.

A plataforma *Netflix*, empresa de serviço *streaming*, nesse caso, comporta-se como suporte do gênero série, consoante Marcuschi (2008), para quem suportes textuais são um *locus* físico, tanto físico quanto virtual, com formato específico para comportar gêneros, tornando-os acessíveis à interação multissemiótica entre as pessoas. Com o advento da internet e da modernização proveniente da industrialização, o estudo de gêneros e suportes se tornou um campo fértil de exploração científica pela multiplicidade de possibilidades linguísticas de ocorrências interpessoais, por lentes multidisciplinares, abarcando cultura, cognição, estrutura textual, organização social, entre outros.

## 2. Gramática Sistêmico-Funcional (GSF)

Formulada pelas funções sociais da linguagem, a GSF constitui-se como um feixe de possibilidades, nos eixos paradigmáticos e sintagmáticos, de que o usuário da língua se vale para atender a um propósito social, cuja função precípua perpassa pela necessidade de interação com a sociedade. Desse modo, o pressuposto basilar da perspectiva funcionalista é aproximar a linguagem de interesse e de objetivos discursivos, a partir do qual as pessoas significam o mundo e as relações a que se submetem.

As correntes funcionalistas, comumente representadas pelas Escolas de Praga e Londres, articulam a manifestação linguística à funcionalidade do que é discursado, em que situações e contextos estão imbuídos nas intenções dos processos comunicativos. Na visão de Halliday e Matthiessen (2014[2004]), portanto, a língua(gem) surge, funcionalmente, para satisfazer às necessidades humanas, o que faz dela uma construção de sentidos constante pelos falantes, materializando por textos as experiências por que passam. Assim, para a GSF, a língua é variável e transfrástica, por ter um potencial

expressivo de possibilidades sógnicas à disposição do falante, para construir e trocar significados, no desenvolvimento de papéis sociais.

Ressaltamos que o construto teórico *hallidayiano* faz parte de uma teia sociosemiótica plural e motivada, razão por que a léxico-gramática dialoga com a semântica e a pragmática, com vistas à divulgação de conceitos e identidades no discurso. Por isso, a GSF convalida propósitos comunicativos e sistemas (extra) linguísticos com base no texto como representação social.

Na GSF, instanciado entre gramática e léxico, o **nível linguístico** é entrecortado pelos **sistemas de conteúdo** (relação semântica, vocabular e gramatical) e de **expressão** (rede semiótica sonora, gestual e escrita). Já o **nível extralinguístico** abarca os **contextos de cultura e situação**, cujas marcas reafirmam o caráter social da linguagem na visão *hallidayiana*, pois o falante usa a língua para atingir a interação. O texto é o retrato do contexto no qual a interação se institucionaliza.

O **contexto de cultura** (macro) é caracterizado por estabelecer relações sociocognitivas mais estáveis e amplas, circunscrito a um cenário mediato, permeado por ideologias, crenças, valores, comportamentos de uma comunidade, significando as estruturas e relações sociais pelas convenções do senso comum. Para compreender o texto, é necessário que o leitor esteja conectado à realidade histórico-cultural do ambiente no qual o discurso se forma, na valorização de grupos sociais. Nesse viés, segundo Paes (2017), os gêneros se institucionalizam, com estratégias e convenções que materializam o discurso em eventos comunicativos.

O **contexto de situação** (micro) é mais instável, restrito, fazendo parte de um cenário imediato no qual o texto se realiza, em que o falante se apropria da língua num contexto menor, específico e particular. Nessa lógica, eventos comunicativos acontecem num contexto de situação que reflete um contexto maior, no qual se presentifica a cultura, para que a interação tenha sentido. As condições imediatas de produção de um texto são descritas em consonância com **três variáveis de registro: campo, relação e modo**.



Numa construção semiótica, na qual o contexto de situação inclui o contexto semântico, o **campo** refere-se ao que realmente está acontecendo, refletindo a prática social existente entre os atores sociais, na busca por externar o assunto que circunda essa ligação responsável pela forma como o indivíduo se posiciona, age sobre mundo e sobre as pessoas. A **relação** liga-se aos participantes no que concerne ao envolvimento que há entre eles, abordando a maneira como interação, espaço no qual, por exemplo, relações de poder são identificadas. O **modo** volta-se às funções que a linguagem desempenha, ao modo como os textos são construídos, a partir das informações transmitidas, articulando os sistemas semióticos que dão vida à interação social.

Ressaltamos que, simultaneamente, essas três variáveis determinam o registro, o qual se refere ao fato de a língua variar em conformidade com o tipo de situação linguística relatada. Melhor dizendo: o registro é o espectro dentro do qual se selecionam os significados e as formas da língua utilizadas para a expressão do significado pretendido. Semanticamente, tais variáveis situacionais vinculam-se aos componentes ideacional, interpessoal e textual, respectivamente.

Como vistas a clarificar o dito, na GSF, para Gouveia (2009), no plano linguístico, a linguagem é analisada nos **planos vertical e horizontal**, em que, na **verticalidade**, situa-se a linguagem como sendo um ambiente no qual os gêneros se instanciam pelo contexto de cultura em interface com o de situação, articulando os sentidos que emergem do discurso em conformidade com o nível oracional, manifestado pelo sistema de transitividade (léxico-gramática) até o sistema de expressão (com o qual não trabalhamos).

Na direção contrária, a **horizontalidade** centraliza a língua a partir das variáveis de registro (campo, relação e modo), que se manifestam: na **metafunção ideacional** (externa significados experienciais por que o indivíduo passa) – campo –; na **metafunção interpessoal** (apresenta relações desempenhadas nas práticas sociais – relação –; e na **metafunção textual** (não enfatizada nesta análise) (modo semiótico pelo qual se formam os textos – modo), como se vê na paisagem sociosemiótica das metafunções.

## 2.1 A oração como representação das experiências na metafunção ideacional

Ao externar as experiências pelas quais passamos no mundo material, mostrando a forma como nos posicionamos nele e como o interpretamos, por exemplo, aludimos ao nível léxico-gramatical. As experiências são representadas no sistema de **transitividade** por **orações materiais, mentais e relacionais, verbais, comportamentais e existenciais**, com algumas das quais trabalhamos neste artigo.

Realizada na variável campo, a **metafunção ideacional** externa experiências humanas no mundo, com propósitos comunicativos advindos de um discurso projetado pela léxico-gramática, de modo diferente da Gramática Tradicional. Essas experiências podem ser constituídas por lembranças, (re)ações, estados, articulados na consciência, o que ajuda a confirmar a prototipicidade delas, arquitetadas pela língua(gem).

Na contramão da Gramática Tradicional, a GSF não se preocupa tão somente com a relação dos verbos e predicções, mas, sim, com um sistema descritivo de toda a oração, formado por **processos, participantes e circunstâncias**. Inscrevendo em um quadro teórico que considera o sistema modelado pelas funções a que serve, é importante destacar que categorias semânticas são indispensáveis para entender intenções discursivas, pois explicam como fenômenos que acontecem com os participantes se codificam na língua.

Dito isso, na senda dessa gramática, os **processos** (verbos) constituem os elementos centrais, ao passo que os **participantes** (grupos nominais) são formados por atores envolvidos na transitividade oracional, executando processos ou sendo afetados por eles. Já eventuais **circunstâncias** (grupos adverbiais) aparecem opcionalmente, com a função de agregar informações ao texto, como indicação de modo, tempo, lugar etc.

Os **processos materiais** se desdobram em representações concretas sobre ações dos participantes, com orações que indicam modificações,

movimentos, pelos processos verbais de fazer e acontecer. Os agentes responsáveis pelas orações materiais como representação da realidade que, nas palavras de Fuzer e Cabral (2014), investem energia para que essas ações aconteçam, são chamados de **ator**. Vale ressaltar que, quando se pensa em falante/ouvinte, não significa dizer que seja exclusivamente uma pessoa, mas algo ou alguém que aja. Na relação discursivo-transitiva, o processo acional do ator dirige-se a outro participante, denominado **meta**, que é afetado pela ação.

Os **processos mentais** revelam-se em sintagmas verbais que indicam o plano da consciência por sentimentos, cognição, percepções, desejos, afeições, sem necessariamente modificar a realidade. Diferentemente dos materiais, as orações mentais são experienciadas por pessoas ou coisas antropomorfizadas (inanimados), capazes de sentir, perceber, desejar, sonhar, por exemplo. As pessoas ou seres humanizados que sentem essas experiências são apelidados, na léxico-gramática, de **experienciador**, enquanto o que é experienciado é classificado como **fenômeno** (grupos nominais).

Os **processos relacionais** estabelecem uma relação entre os participantes, geralmente utilizados com a intenção de atribuir características, representando a identidade de um participante, por orações atributivas e identificativas, conforme Halliday e Matthiessen (2004[2014]), em que o **atributo** é uma característica direcionada a um **portador**. Nas orações identificativas, há uma identidade (**identificador**) para identificar outra (**identificado**). A principal diferença entre processos relacionais atributivos e identificativos passa pela alteração de sentido das orações, pois as atributivas não mantêm o mesmo sentido quando outras combinações são feitas na oração, diferentemente das identificativas, que podem ser passadas para a estrutura passiva.

Já os **processos verbais** reportam-se a orações cujos verbos são do dizer, articulando-se à fala. Nas orações verbais, o **dizente** é quem profere o discurso, enquanto o que é dito pelo dizente denomina-se **verbiagem** e, quando a fala se dirige a outro participante, quem recebe a mensagem é o **receptor**. Em certos processos verbais, o dizente pode agir sobre outro

participante, classificado como **alvo** e, por essa razão, aproximam-se das orações materiais, se se pensar na presença do alvo.

## 2.2 A oração como troca na metafunção interpessoal

Instanciada na interação, a **metafunção interpessoal** se manifesta no sistema de transitividade pela interação entre participantes no meio social, a partir da qual identidades, vínculos e conceitos são (re)construídos. Nela, num intercâmbio de significados que podem ser conferidos aos participantes na *mis-en-scène*, há a exposição de uma estrutura de papéis concernentes às relações estabelecidas entre os participantes da atividade social apresentada na série sob análise, cujas relações podem apresentar atributos permanentes dos participantes ou vinculação de papéis específicos.

Seguindo de perto Halliday e Hasan (1989), pela linguagem, os seres humanos estão aptos a estabelecer relações e externar opiniões, crenças, ideologias, cuja manifestação se dá pelo texto. O sistema oracional interpessoal se articula à variável de registro relação, já explicada no nível extralinguístico dos contextos de cultura e situação.

Os falantes se apoiam, na construção de relações, no sistema de **MODO** para estruturar significados interativos, com a intenção de avaliar não apenas representação, mas também a interatividade existente entre falantes e ouvintes, que podem dar e solicitar, envolvendo valores que podem ser manipulados na **troca de bens e serviços** (influenciar, ofertar ou fazer um comando) ou **informações** (declarar ou perguntar).

Esses valores trocados são arrolados, na perspectiva *hallidayiana*, como **proposições** e **propostas**, em que as principais diferenças perpassam pela cadeia semântica da intenção discursiva. As **proposições** estão presentes em orações que vislumbram trocas de informações, relação na qual o indivíduo está livre para argumentar (troca de informações). Por outro viés, quando a língua é acionada para a troca de bens e serviços, elencam-se as **propostas**,

sendo um traço distintivo entre a troca de informação e a não possibilidade de negar ou afirmar a oração. Assim, para Fuzer e Cabral,

os papéis dos falantes são determinados por condições particulares, sejam elas sociais, econômicas, profissionais ou outras (*sic*). A análise das trocas linguísticas dá conta, assim, do tipo de proposta ou proposição que está ocorrendo, das atitudes e dos julgamentos encapsulados na camada verbal e dos traços retóricos que a constituem como um ato simbólico interpessoal (FUZER; CABRAL, 2014, p. 105).

Os **MODOS oracionais** que desempenham as funções dialógicas podem ser **interrogativo**, **declarativo** ou **imperativo**. No MODO interrogativo, as orações estruturam-se em formas de perguntas e ofertas, suscitando respostas (sim/não); com declarações; e exprimindo ordem, pedidos, súplicas etc., por comandos. As orações, nesse sistema, organizam-se pelo **Modo**<sup>2</sup> (sujeito e finito) e **resíduo** (predicador, complemento e/ou adjunto(s)), não constituindo o foco deste artigo por limitações de espaço.

A metafunção interpessoal apresenta a linguagem como uma ferramenta funcional, dinâmica e interativa da qual falante e ouvinte se apropriam para interagir no mundo com as pessoas, numa inter-relação entre os estratos linguísticos (relação, metafunção interpessoal e MODO). Nessa realidade, as pessoas se projetam no espaço do qual fazem parte e (re) significam pela interação, com diferentes papéis. Portanto, essa metafunção desempenha um papel crucial na comunicação e na construção de significados no discurso, por meio de orações declarativas, interrogativas e imperativas.

---

2 Quando **modo** estiver com as letras minúsculas, refere-se à/ao: (i) caracterização do modo (presente, passado, futuro, dito finito) da variável de registro do nível; (ii) modos verbais da GT (indicativo, subjuntivo e imperativo), enquanto **MODO** com letras maiúsculas significa o nome dado ao principal sistema léxico-gramatical da metafunção interpessoal da oração= [Sujeito + Finito] + Resíduo. Porém, sempre que fizer alusão à parte dos componentes organizacionais desse sistema, **Modo** terá apenas a primeira letra maiúscula, fazendo referência ao Sujeito e Finito (que se referem ao sistema de modo contido no sistema MODO, ou seja, são elementos desse sistema) (Halliday; Matthiessen (2014[2004]) .

### 3. Metodologia

#### 3.1 Constituição do corpus

A série “Bom dia, Verônica”, retrato de discursos opressores que distanciam minorias da dignidade social, dizima identidades e silencia vozes de mulheres marginalizadas que ecoam na sociedade, em multimodos de leitura que buscam encenar uma cruel e perversa realidade social. Nessa direção, intencionalmente, buscando dar visibilidade a essa mazela social, selecionamos uma produção audiovisual veiculada na plataforma *streaming Netflix*, com recorte de três *frames*.

Lançada em 2020, essa narrativa é adaptada do romance policial que recebe o mesmo nome da série, publicado por Ilana Casoy e Raphael Montes, sob pseudônimo de Andrea Killmore, ganhando expressividade com a releitura cinematográfica. Nas mídias digitais, a produção foi comentada entre internautas pela qualidade dos episódios da primeira temporada e pelas semioses capazes de criticar práticas discursivas e sociais que limitavam a ascensão feminina, entre outros problemas desvelados na dramaturgia, como corrupção policial e morosidade das investigações de facções criminosas.

Nessa direção, os critérios de escolha do *corpus* fundamentam-se na (o): gênero série como ferramenta de denúncia social; envolvimento da sociedade com o suporte *streaming Netflix*, possibilitando que a crítica ao gênero atinja mais pessoas; desnaturalização de violências contra a mulher pela língua(gem) sociossemiótica.

#### 3.2 Procedimentos teórico-metodológicos

Contextualizando o *corpus*, numa análise de cunho qualitativo-interpretativista, selecionamos três *frames* extraídos da série nacional “Bom dia, Verônica”, lançada em 2020 na *Netflix*, cujas cenas denunciam violência doméstica e patriarcalismo, dramatizadas, na teledramaturgia, pelos personagens Janete (Camila Morgado) e Brandão (Eduardo Moscovis). A princípio, analisamos o **contexto de cultura** das cenas, extraindo as

semioses presentes na léxico-gramática, traduzidas em escolhas linguísticas do participante Brandão, uma vez que, conforme Halliday e Matthiessen (2014[2004]), a língua é parte intrínseca da cultura e a cultura molda a forma como a linguagem é usada.

Assim, a compreensão das atitudes desprovidas de virtudes de Brandão requer a consideração do contexto cultural, imerso no **contexto de situação**, no qual as orações foram por ele enunciadas. O significado das palavras, as escolhas lexicais, estruturas gramaticais e organização do discurso da participante são influenciados pela cultura, gerando atitudes de desmerecimento e desonra em relação ao papel da mulher no matrimônio. Nesse ponto de vista horizontal, podemos analisar o discurso de estruturas passadas e presentes e como elas se retroalimentam.

No tocante às variáveis sociossemióticas, no **campo do discurso**, podemos analisar como situações de violência contra a mulher se perpetuam. Isso inclui diversos aspectos, entre os quais: a desigualdade de gêneros, enraizada em relações de poder desiguais entre homens e mulheres, sendo o sexismo e a discriminação componentes fundamentais que sustentam a desigualdade, resultando em uma posição social inferiorizada para as mulheres e na normalização da violência como forma de controle. Assim, normas culturais e estereótipos de gênero desempenham um papel importante na perpetuação da violência contra as mulheres. A cultura, muitas vezes, reforça a ideia de que os homens são superiores, tendo direito de exercer poder e controle sobre as mulheres.

Na variável **relação**, além das interações interpessoais, estruturas sociais mais amplas também perpetuam a violência contra as mulheres. A desigualdade de gênero é refletida em instituições como família, educação, sistema jurídico e mídia, que podem reforçar atitudes condizentes com o *status quo* a ser mantido. A variável de registro relação possibilita-nos destacar o papel agentivo dos participantes na comunicação. Na série, representa o domínio do participante Brandão sobre a esposa.

Na **variável modo**, a linguagem pode desempenhar um papel sexista, contendo viés e preconceitos de gênero, reforçando estereótipos e

desigualdades, atribuindo características e papéis específicos a homens e mulheres. A linguagem pode ser usada para depreciar e objetificar a mulher, como ocorre na maioria das músicas atuais.

Refinando a proposta de análise, adotamos a Semiótica Social como ponto basilar para a investigação sociosemiótica dessa marginalização da mulher, com ênfase na GSF (Halliday; Matthiessen, 2014[2004]), analisando o sistema (extra)linguístico, pelo modo como a violência contra a mulher se constrói na cultura ocidental, evidenciada, por vezes, como misógina e patriarcal (contexto de cultura), num contexto de situação marcado pela dramatização de uma pauta polêmica na sociedade: maternidade. Adicionalmente, analisamos as metafunções ideacional e interpessoal, identificadas por complexos oracionais verbais, responsáveis por destacar experiências e relações vivenciadas pelo casal, mas que são um retrato da maneira como experiências e relações são desempenhadas numa malha social machista, sobretudo na heteronormatividade.

#### 4. Análise dos *frames*



Figura 1: Brandão humilha Janete na sala de jantar.

Fonte: Série “Bom dia, Verônica”, Netflix, 2020, 1.ª temporada, episódio 1.



Contextualizando, nesta cena da série, na FIG. 1, Janete e Brandão sentam-se à mesa, após ela preparar uma sopa para o jantar. Ele, quando comia, pergunta à Janete, irritado, sobre a ligação telefônica dela para a irmã. Na ocasião, Janete havia acabado de perder o filho, ainda em período gestacional, e, por isso, ele menciona, na cena, sobre o suposto fracasso dela por não servir para realizar o “óbvio” da condição feminina: gerar.

Em diálogo com a perspectiva *hallidayiana*, no **nível extralinguístico**, o **contexto de cultura** desvelado reporta-se à crítica da redução do arquétipo feminino à procriação, sustentado pela herança sociocultural de que a função precípua da mulher é gerar, sobretudo quando se considera a realidade de casais que vivem um matrimônio heterossexual. Essa realidade está concatenada a uma cúpula político-ideológica reducionista de que mulheres, por mais que consigam êxito em diferentes situações da vida, não sairão da condição de fracassadas e insuficientes caso não se tornem mães biológicas e constituam o modelo familiar tradicional.

Manifestado num contexto macro (cultura), o **contexto de situação**, em diálogo com as variáveis sociossemióticas (campo, relação e modo), revela a realidade de um casal que se reduz a humilhações e à violência doméstica enfrentada por Janete, principalmente psicológica, quando Brandão insiste em apontar a dificuldade dela para engravidar. Por esse viés, a ênfase dada à subserviência feminina e redução da identidade à maternidade (**campo**) reafirma a crítica no contexto de cultura, espaço no qual o senso comum propaga estereótipos e preconceitos. A **relação** entre ambos é uma das faces que possibilita ao leitor da cena entender essa manipulação, visto que o vínculo entre eles é hierárquico, estando ela em posição de inferioridade e submissão, confirmando relações hegemônicas de poder ainda cristalizadas na sociedade. O **modo** como o casal interage acontece pela verbo-visualidade, cujos discursos são materializados por semioses múltiplas.

Em termos de semioses verbais, a **metafunção ideacional** é materializada neste *frame* no momento em que, numa passagem dialógica estabelecida entre ambos, se inicia a sentença (nível linguístico de conteúdo) com a oração **verbal**, por sua característica de fala, com o **verbo do processo**

**do dizer** “contar”. A oração “Contou pra ela que nem para ser mãe você serve?”, na léxico-gramática, coloca Janete como sujeito da oração, na tentativa discursiva de Brandão de responsabilizar e culpar a ela por ele ainda não viver a paternidade. Sugerindo ser ela é causadora, agente da não gestação, ele impregna no imaginário dela a sensação de que ela é medíocre e descartável por essa situação.

Essa inferiorização é percebida pela escolha, no eixo paradigmático, da conjunção “nem”, que fomenta um teor ainda mais negativo à condição de Janete, manifestado na oração verbal que projetou um relato<sup>3</sup> “que nem pra ser mãe você serve?”. A intenção retórica de Brandão, na FIG. 1, é de reafirmar à companheira a suposta “insuficiência feminina”, na tentativa machista de diminuí-la.

Nesse **sistema de transitividade**, conforme Halliday, o participante que faz a comunicação (Brandão) é o **Dizente**, enquanto o participante para o qual o processo se dirige (Janete) é chamado **Verbiagem**. A circunstância em que o processo se desenvolve é a sala de jantar do casal, o ambiente doméstico no qual a maioria dos casos de violência ocorrem. O processo verbal “serve”, o qual questiona o papel de Janete como mulher atrelado a ser mãe, é um tipo de violência que atinge diretamente a identidade dela, levando a consequências psicológicas, sociais e emocionais (como problemas de autoimagem e autoaceitação), pois a identidade de uma pessoa é construída por experiências por que passa.

Essa experiência de Janete se liga ao campo do contexto de situação, no qual se desenrola essa atividade sociossemiótica. Nesse campo, estudos têm mostrado que mulheres vítimas de violência de gênero possuem maior probabilidade a desenvolver problemas de saúde mental, como ansiedade, depressão e transtornos de estresse pós-traumático e ideação suicida. Afinal, é um agravante após a perda de um filho.

---

3 Seguindo de perto Halliday e Matthiessen (2014[2004]), sem entrar em detalhes, o relato, nas orações mentais, é uma forma das formas de estruturação do dizer, sendo observado em orações introduzidas pelas conjunções “que” ou “se”.

Ao lado da metafunção ideacional, a interação entre os participantes (**metafunção interpessoal**), manifestada pela **relação** (variável de registro), abarca a **função discursiva de interpelação**. A estrutura da oração promove uma ligação entre Janete e Brandão (falante e ouvinte) de forma dialógica, cuja **proposição** acontece quando ele pergunta a ela se contou à irmã sobre a situação dela em não gerar.

Com esse questionamento, o falante (Brandão) pretende oprimir e humilhar ainda mais Janete, tentando descredibilizar e desestabilizar a ela, com vistas a tornar a condição dela mais exposta, inferiorizando-a. Viver esse modelo de relação pode afetar a participação social e profissional de Janete, impactando a participação dela na sociedade e no mercado de trabalho. Afeta, principalmente, os relacionamentos interpessoais dela, podendo enfrentar dificuldades em estabelecer e manter relacionamentos saudáveis. A percepção de inferioridade pode afetar a interação dela com os outros, levando-a a problemas de confiança e ao isolamento social, fato que se interliga à variável de registro **relação/metafunção interpessoal**, no contexto sociofuncional da linguagem.



Figura 2: Janete e Brandão discutem na sala de casa.

Fonte: Série “Bom dia, Verônica”, Netflix, 2020, 1.ª temporada, episódio 7.

Na encenação, a participante Janete não suporta mais as manipulações de Brandão. Para cessar as opressões, não desiste de tentar dar um filho a ele, ainda que ela mantenha relações sexuais se sentindo desconfortável e forçada psicologicamente, nas entrelinhas. Nesse contexto, eles discutem sobre os crimes que praticam, com a briga iniciada após ela perguntar ao marido se ele não sente medo de ser descoberto. O protagonista reage de forma agressiva, se irritando com os questionamentos dela; entretanto, a confusão é apaziguada quando ela afirma estar grávida.

De forma análoga à FIG. 1, a FIG. 2 ressalta, no **contexto de cultura**, a manipulação a que a vítima é submetida, sustentada, ainda, pela herança sociocultural: a mulher tem de procriar, motivo por que, pela fala proferida, ele está exigindo dela a gravidez, sem, contudo, lhe oportunizar uma gestação tranquila e saudável. Historicamente, portanto, o comportamento dele representa a pressão social de uma sociedade ainda limitada e misógina que direciona o sucesso feminino ao estado de genitora.

O **contexto de situação** é manifestado por uma mulher refém às ameaças do marido, consciente de que, para fazer com que desentendimentos sejam evitados, basta dizer estar esperando um filho dele, como faz na FIG. 2 (**campo**). O casamento deles é um exemplo de que ainda há, na sociedade moderna, relacionamentos marcados por dominação, em que as decisões precisam passar obrigatoriamente pelo aval do marido (**relação**). Os signos linguísticos plurissignificativos nos quais se ancoram para materializar discursos (**modo**) contribuem para a percepção do telespectador da série sobre o contexto perverso no qual Janete está inserida. O contexto de situação mantém todas as variáveis descritas na FIG. 1, salientando-se que o estresse crônico causado pelo medo e pela ameaça pode afetar a saúde de Janete, acarretando-lhe ansiedade, que geralmente leva a problemas de insônia, dores de cabeça e musculares, problemas gastrointestinais, entre outros.

A **metafunção ideacional**, segundo Halliday e Matthiessen (2014[2004]), presentifica-se quando Janete, para tentar comovê-lo, subverte a percepção dele de que ela é uma fracassada, ao afirmar que, depois de

incontáveis tentativas, está grávida. Para tanto, faz uso do verbo de ligação “estar”, do **processo relacional**, responsável por representar um estado transitório, com a intenção de provar a ele que os insucessos em outras ocasiões, para conseguir gerar, não significava concluir que ela jamais estaria gestante. O **atributo** (predicativo do sujeito) “grávida” é responsável, nesse sentido, por conferir à Janete (**portadora**) um estado pelo qual ela passa, caracterizando-a, com **orações** relacionais. Estar à espera de um filho, na percepção machista, credibiliza a mulher, sobretudo se, quando ganhar a criança, consiga fazer isso por um parto normal.

**Interpessoalmente**, a função semântica da oração destacada no *frame* (**proposição**), no modo **declarativo**, corrobora a afirmação de Janete como uma resposta às encruzilhadas e repressões feitas contra ela, cuja intenção discursiva dela é mostrar a Brandão que ela é, sim, capaz de estar mãe. Fato é que, do ponto de vista crítico, essa percepção de Janete é resultado da violência psicológica por que ela passa, o que faz dela uma mulher manipulada e frágil, pois está grávida não necessariamente por ela, mas sim para provar ao esposo que ela nunca foi a incompetente do ponto de vista dele.



Figura 3: Brandão mata Janete carbonizada.

Fonte: Série “Bom dia, Verônica”, Netflix, 2020, 1.ª temporada, episódio 7.

Passando em revista a teoria contemplada, na FIG. 3, o **contexto de cultura** manifestado centraliza a violência contra a mulher historicamente petrificada, em que a figura feminina é relegada à posição de subserviência, sendo, muitas vezes, excluída e segregada. Os valores sociais arraigados endossam o arquétipo viril enquanto corajoso, bravo, com tendência guerrilheira e agressiva, pois precisa se projetar com trejeitos masculinos na tessitura social. Os atributos da coragem e virilidade podem se tornar virtudes ou vícios/violência. No caso de Brandão, o arquétipo viril, em vez de servir para proteger a mulher, fez o inverso. Assim, Brandão comporta-se de forma violenta, hostil, desrespeitosa diante de Janete, atacando-a física e psicologicamente.

Esse efeito discursivo exibido na imagem associa-se a um cenário imediato em que o texto se efetiva, isto é, a cada realização enunciativa, que é intrínseca ao **contexto de situação**. Brandão, na FIG. 3, reforça a realidade social entre ele e a esposa, em que é superior a ela no jogo das práticas sociointeracionais e, por isso, sente-se no direito de perpetuar o ciclo de violência contra ela. O **modo** imponente como ele se posiciona na relação oportuniza essa sensação, reafirmando a histeria máscula fincada nessa *mis-en-scène*. O **campo** de assunto tratado, portanto, sobreleva a figura de Janete violentada, mutilada, encurralada e morta nas e pelas represálias de Brandão. A falta de perspectiva pode fazer uma mulher inserida no campo desse tipo de contexto a repetir ciclos intermináveis de violência até culminar na própria morte, como ocorreu com Janete.

Assim, o **modo** da linguagem tornou-se emudecido para a vítima. Transpondo-se o modo semiótico visual da imagem que destrói a vítima para o modo verbal, podemos depreender diversos processos e circunstâncias ligados ao estado de degradação humana desse contexto e suscitar perguntas ao paradoxo que se apresenta: Por que um ser que se diz humano subverte uma relação que deveria ser de cuidado e proteção para uma situação de destruição? O contexto representa a horizontalidade da vida no qual estamos

submetidos por nossas ações, no sentido ascendente ou decadente/destrutivo/distorcido, como ocorre com o participante Brandão.

A **relação** estabelecida entre eles apresenta, na *mise-en-scène* e no enredo completo das temporadas da série, um vínculo social de relação de poder, pois Janete interage com Brandão de forma retraída, quase sempre assustada, com semblante medroso, manipulada e violentada pelos papéis sociais envolvidos na ligação entre eles. No *frame* sobredito, ela aparece sentada forçadamente na cadeira, presa, sem conseguir se locomover com as mãos e os pés, com a cabeça trancada em uma caixa, que a permite apenas enxergar, de forma parcial, o galpão do sítio onde o marido, *serial killer*, amordaça e mata mulheres capturadas na rodoviária de São Paulo (contexto de situação).

Ainda que a FIG. 3 não apresente, de forma explícita, complexos oracionais puramente verbais, a imagem por si só divulga, no sistema de transitividade imagético, esta sentença: Brandão mata Janete (**metafunção ideacional**). No desdobrar léxico-gramatical do sistema de transitividade, Brandão (ator) age contra Janete (meta), matando-a (processo material), cuja transformação do estado dela, na série, é visualizada pelo corpo em chamas. Semanticamente, o verbo matar significa tirar a vida, perder a identidade, provocar a morte etc., o que confirma a intenção de Brandão, que é ceifar a dignidade de Janete paulatinamente, não apenas considerando a cena em questão, mas também toda a violência e o silenciamento sofrido por ela na série.

Quanto à **metafunção interpessoal**, o sentido atribuído à captura de tela destacada (**proposição**) pelo **modo imperativo**, imageticamente, pode expressar uma ordem à Janete, como se dissesse: “Morra!”. Esse comando é perceptível pela concretização do desejo de destruição de Brandão, ateando mais fogo à vítima. Assim, Brandão se projeta, na cena, como se sentisse a sensação de dever cumprido, já que, para ele, ela morre porque provocou nele uma ira, tornando a vítima a culpada.

## Conclusão

A luta contra a subalternidade feminina, no século XXI, é o espelho de uma sociedade que ainda reflete um passado no qual se sobreleva(va) a invisibilidade da mulher, com a manutenção de preceitos que relegam o arquétipo feminino à submissão. Questões machistas e patriarcais, de igual modo às demais exclusões, manifestam-se por múltiplas semioses na sociedade, preconceitos enraizados em discursos ideologicamente marcados por escolhas, à luz da GSF, léxico-gramaticais que sinalizam crenças e opiniões preconceituosas e, portanto, excludentes.

Por essa via, respondendo à pergunta de pesquisa deste estudo, a aplicação de uma análise socio-funcional pode contribuir para a desnaturalização da violência contra a mulher no gênero série, por realçar como avaliamos, julgamos e nos posicionamos acerca de pautas, sobretudo, coletivas, com marcas avaliativas expressas por artefatos semióticos multipropositivos e inacabados. Isso porque significados são (re)construídos a todo momento, configurando um feixe de possibilidades contextualmente mobilizadas em uma dada cultura e uma situação. Assim, o entendimento e a percepção de intencionalidades discursivas pela marca sociossemiótica contribuem para a não relativização da subalternidade feminina, podendo transformar a sociedade e mesmo realidades.

Neste artigo, o objetivo geral centrou-se na realização de uma análise sociossemiótica de três *frames* da série “Bom dia, Verônica”, ressemiotizados pela *Netflix*, a partir das representações de sistemas semióticos da GSF. Neles, a análise dos complexos semânticos oracionais destacados mostrou o funcionamento estrutural e semântico-semiótico da linguagem em relação ao uso num contexto social de violência contra a mulher.

Isso posto, a léxico-gramática figurou como uma ferramenta funcional que deu voz a significados empíricos percebidos na coletividade social, sendo a linguagem vista como uma ação social que inclui a intencionalidade comunicativa dos falantes, na reverberação da ampla discussão desse tema



em outros contextos sociais. Assim é que esse contexto, detalhado pelas metafunções da linguagem, leva o leitor à conscientização de um problema social, destacando a linguagem como uma ferramenta para a comunicação e ação social, nos pressupostos de uma teoria sistêmica da linguagem.

A ressemiotização do problema, que ocorre empiricamente todos os dias com vítimas desconhecidas, na *Netflix* e na revista de publicação deste artigo, contribui na busca de soluções não só para a desnaturalização dessas mazelas sociais, mas também para a (re)construção de uma sociedade mais justa e mais equânime.

## Referências

BAJTÍN, M. M. El problema de los géneros discursivos. *In: Estética de la creación verbal*. Trad. Tatiana Bubnova. Ciudad del México: SigloVeintiuno, 1982, p. 248-293.

**BOM DIA, VERÔNICA**. Direção: José Henrique Fonseca; Izabel Jaguaribe Rog de Souza. Produção de José Henrique Fonseca; Eduardo Pop; Ilana Casoy; Raphael Montes. São Paulo: Netflix, 2020.

FUZER, C.; CABRAL, S. R. S. **Introdução à gramática sistêmico-funcional em língua portuguesa**. São Paulo: Mercado de Letras, 2014.

FURTADO DA CUNHA, M. A; SOUZA, M. M. **Transitividade e seus contextos de uso**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

GOUVEIA, C. A. M. Texto e gramática: uma introdução à linguística sistêmico-funcional. **Matraga**. Rio de Janeiro, v. 16, n. 24, jan./jun.2009. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/matraga/article/view/27795>. Acesso em 21 mai. 2023.

HALLIDAY, M. A. K; HASAN, R. **Language, context, and text: aspects of language in a social-semiotic perspective**. Oxford: Oxford University Press, 1989.

HALLIDAY, M. A. K. **Introduction to function grammar**. London: Edward Arnold, 2004.

HALLIDAY, M. A. K.; MATTHIESSEN, C. M. I. M. **Introduction to functional grammar**. London and New York: Routledge, 4<sup>th</sup>, 2014.

MARCUSHI, L. A. Gêneros textuais no ensino de língua. *In*: MARCUSHI, L. A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

PAES, V. L. V. de. **Análise metafuncional do discurso publicitário**. Monografia – Universidade Estadual de Montes Claros. Montes Claros, 2017.

ROCHA, S. M.; SILVA, V. R. de L.; ALBUQUERQUE, C. A. **O lugar cultural das séries brasileiras no fluxo televisivo**: consumo e produção na definição de um sub-gênero. *Líbero*, São Paulo, v. 16, n. 31, p. 77-88, jan./jun. de 2013.

SAUSSURE, F. **Curso de linguística geral**. Tradução de Antonio Chelini, José Paulo Paes e Isidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 2006.

VIEIRA, J.; SILVESTRE, C. **Introdução à multimodalidade**: contribuições da gramática sistêmico-funcional, análise de discurso crítica, semiótica social. Brasília, Distrito Federal: J. Antunes Vieira, 2015.

RESENDE, A. C. A. **Séries brasileiras em plataformas de streaming**: os casos de 3% e cine Holliúdy. Monografia – Universidade Federal da Integração Latino-Americana. Foz do Iguaçu, 2021.